

UNIVERSIDADE POPULAR

**Aspecto social
do
problema das doenças venéreas**

Conferência realizada no dia 31 de Outubro de 1934

POR

ALVARO LAPA

1935

*Ho. Sr. Dr. Prof. Villena
homenagem do autor*

UNIVERSIDADE POPULAR

Alvaro

**Aspecto social
do
problema das doenças venéreas**

Conferência realizada no dia 31 de Outubro de 1934

POR

ALVARO LAPA



Instituto de Ciências e Letras
FACULDADE DE CARVALHOS

*RC
MNCF
613
LAP*

1935

Hodiernamente a tuberculose, o paludismo, a sífilis, a gonorreia e as restantes doenças intersexuais constituem o grupo das moléstias conhecidas vulgarmente sob a rubrica de enfermidades de caracter social.

De um modo genérico pode afirmar-se que o motivo dessa designação se filia no aspecto especial de muitos dos caracteres peculiares à transmissão das referidas moléstias.

A sífilis — uma das mais graves dessas afecções de caracter social — está intimamente associada às várias flutuações da vida colectiva como o testemunham as próprias características inerentes ao seu contágio. A história da epidemiologia do citado flagelo não só nos esclarece acerca das oscilações da endemia, como também nos elucida a respeito dos esforços dispendidos pela medicina preventiva para combater a disseminação do mal; do exame da história da doença pode inferir-se quasi a extensão do caminho percorrido pela humanidade na sua marcha ascencional para o progresso e para o bem-estar.

O século XIX merece por tudo quanto fez a favor da hygiene ser cognominado «o século da medicina preventiva». A hygiene durante esse período áureo da ciência floresceu vigorosamente, e através dos seus ensinamentos todos os povos puderam colher as vantagens dos beneficios das novas doutrinas científicas expendidas na obra de Pasteur, doutrinas que foram buscar os seus fundamentos ao ideal da cultura grega rejuvenescida pelo Renascimento e pelas concepções filosóficas da ética do século XVIII.

A varíola, a raiva, a difteria, e tantas outras moléstias que dizimavam outrora a espécie humana, foram vencidas e algumas mesmo encontra-se em via de extinção completa, — graças ao progresso da hygiene e ao aumento da cultura da população.

A extensão do triunfo, da vitória alcançada pelo homem sobre as forças obscuras da natureza, neutralizando a acção maléfica de certos micróbios — gérmes unicelulares que são a causa das doenças infecciosas — pode resumir-se neste singelo enunciado

— «A duração da vida humana aumentou consideravelmente em todos os países e, na Europa, duplicou em menos de cincoenta anos».

A tarefa, a obra realizada pela higiene, pela medicina preventiva, nos últimos decénios, é na realidade surpreendente, se nos recordamos de que, há menos de cem anos, os enfermos eram hospitalizados indistintamente em salas infectas, sem ar, sem luz e em condições de promiscuidade repugnante, visto que se desconheciam por completo os benefícios que resultavam para a saúde do cumprimento das regras mais elementares da limpeza individual. Assim, compreende-se que deveria ser enorme a mortalidade dos doentes hospitalizados.

Durante a idade-média metade das crianças internadas nos hospitais morriam à mingua de socorros; e, em França, já no final do século XVIII, durante o período agitado da Revolução, falecia ainda um terço das pobres criancinhas que aos hospitais vinham procurar guarida.

A contrastar com esses números desoladores e a autenticar o progresso realizado, isto é, o caminho percorrido pela higiene moderna, basta recordar que, em França, por exemplo as últimas estatísticas relativas à mortalidade infantil demonstram que, actualmente, durante primeiro ano da vida se conseguem salvar da morte mais 59.000 existências e 25.000 até aos 4 anos de idade. Em comparação com os números estatísticos anteriormente publicados, este lucro recentíssimo representa uma vitória notável da puericultura francesa, o que é um exemplo altamente consolador!

As doenças intersociais, e sobretudo a sífilis, pela sua difusão entre todas as classes, pela possibilidade da transmissão hereditária, congénita (e, por consequência, pela acção maléfica exercida sobre os recém-nascidos, sobre a saúde das crianças, modificando, por completo, as condições normais de um desenvolvimento fisiológico), pela influência deletéria que exerce sobre os adultos, diminuindo a sua capacidade de resistência, aumentando, portanto, por complicações várias a morbidade da espécie humana, por todos esses motivos a sífilis é bem na verdade como a tuberculose um flagelo de caracter francamente social.

O seu âmbito excede o campo restrito da medicina e necessita, para ser combatida eficazmente, do auxilio da cooperação íntima da estreita aliança do estado com os mais elevados representantes constitutivos das diversas classes sociais.

Em ambas as afecções, o meio social, o «habitat» do individuo, tem uma grande importância e um alto significado em todas as questões respeitantes ao problema da luta a estabelecer para determinar e circunscrever a extensão do mal.

Na tuberculose, porém, dada a deficiência dos meios terapêuticos, os métodos utilizados caracterizam-se, mais do que na sífilis,

pelo determinismo das prescrições de natureza eminentemente social: melhoria das condições higiênicas na habitação das classes trabalhadoras, aumento de salário, melhoria de alimentação.

Na sífilis o emprêgo de substâncias medicamentosas de efeito rápido e de acção eminentemente especifica não permite que se exagere, sob o ponto de vista social, a similitude de regras a estabelecer para dar combate aos dois referidos flagelos.

O organismo humano é, como todos sabem, constituído por um agregado complexo de muitos milhares e milhares de células, isto é, de unidades vivas de tamanho microscópico, de dimensões de milésimos de milimetro. Estas células, para viverem, retiram do sangue e da linfa, do chamado meio interior, os elementos necessários à sua substância e para êsse mesmo meio interior são expellidos os detritos da vida celular que devem ser eliminados do organismo ou ainda outras substâncias produzidas pela actividade das células e que exercem acção estimulante ou reguladora no equilibrio hormónico existente entre os diversos elementos constitutivos do corpo humano.

O equilibrio funcional do organismo pode ser perturbado e modificado, pela presença no meio interior ou nos tecidos de agentes estranhos — os micróbios — que aí pretendem viver e multiplicar-se, originando por êsse facto alterações profundas na vida das células, — modificações que constituem o abstracto da doença e das quais elas guardam, quasi sempre, memória imperecível.

O agente causal da tuberculose, — o bacilo de Koch —, o micro-organismo provocador das lesões sifiliticas, — o treponema pálido, — podem instalar-se e permanecer durante muito tempo no seio do organismo humano, adaptando-se e modificando o seu modo de existência, segundo determinantes várias.

A ciência não conhece ainda exactamente quais as condições biológicas reguladoras da vida caprichosa dêsses morbos tam caracteristicamente especificos.

A tuberculose, na realidade, é mais brutal e as suas arremetidas geralmente no alvor da mocidade — menos graves no entanto que há cincoenta anos — ainda dizimam muitos milhares de vidas humanas, mas a sífilis, que traiçoeiramente penetra no lar, transportada entre os europeus do himineu, executa de uma maneira insidiosa uma obra de destruição que, a-pesar-de não ser tam evidente nem tam ruídosa, como a da tuberculose, nem por isso deixa de exercer acção comparável à da referida endemia.

É que, em relação à sífilis, as estatísticas estabelecem números que não nos permitem avaliar em toda a sua grandeza a diminuição do valor económico do homem e os estragos que a citada moléstia produz sobre a capacidade profissional das classes trabalhadoras.

Se atentarmos bem nos fenómenos observados, verificar-se-á que é numeroso o grupo de doentes que, tendo sido contagiados na sua mocidade pela sífilis, vão, em épocas afastadas do início da afecção, — e sob outras rubricas patológicas, — aumentar enormemente a legião dos inválidos e dos incapacitados que ao estado e à colectividade pedem socôrro, auxilio e protecção.

As doenças intersexuais, dadas as condições que presidem ao seu contágio, são causa de múltiplas e apaixonadas controvérsias e suscitam problemas de uma grande delicadeza moral, visto que elas se relacionam com um dos instintos mais profundos da espécie humana — o instinto da reprodução.

Por mais que o homem queira, pela volição, libertar-se do pensamento das condições biológicas que o prendem à animalidade, êle sabe que a sua existência é condicionada pela satisfaçã imperiosa dêsse instinto, um dos mais vivazes e profundos da sua personalidade.

A natureza tem, pela fragilidade humana, cuidadoso disvelo e, ao contrário do que sucede nas outras espécies animais, gradua com extraordinária lentidão o desenvolvimento somático e sexual do homem. Se, na realidade, na espécie humana, como sucede com os antropoides, os ovários atingem aos 5 anos o seu desenvolvimento perfeito, (ao invés dos antropoides, que aos 4 e 5 anos são adultos e estão aptos para se reproduzirem) o homem hodierno só muito mais tarde, — quinze, dezasseis anos depois, — atinge a plenitude dessa função orgânica.

O retardamento da maturidade sexual na espécie humana é motivado pela interferência inibitória de certas substâncias de secreção interna (hormonas), as quais têm acção decisiva e reguladora sobre a velocidade do desenvolvimento total e harmónico dos vários órgãos componentes do corpo humano.

O primitivo conceito evolucionista, a velha noção de há cinquenta anos de transformação gradual e sucessiva das espécies que considerava o homem como um antropoides aperfeiçoado, modificou-se; e a causa determinante da sua diferenciação na escala biológica deve ser antes atribuída à persistência de certos caracteres embrionários que modificaram a orientação do referido desenvolvimento.

O homem, segundo a concepção recente de Gaarstang Bolk e de outros biologistas, remonta, na sua filiação, a uma longinqua espécie de antropoides em que o estado infantil e embrionário de certos caracteres persistiu e por êsse facto se afastou por completo do tipo evolutivo normal.

O homem distingue-se, de um modo genérico, dos antropoides e dos outros mamíferos pelo seu lento desenvolvimento físico. O recém-nascido pesa 3 quilos a 3 quilos e meio e necessita de 180 dias para duplicar o seu pêso, ao passo que, por exemplo, na espécie bovina, o vitelo, que no momento de nascer pesa 40 quilos, ao cabo de 47 dias

dias duplica de peso. Rübner afirma que o homem só aproveita 5,2 por cento da energia contida nos alimentos, enquanto nos animais essa percentagem atinge o valor de 35 por cento.

A-pesar-do crescimento lento da espécie humana, nem por isso o instinto sexual deixa de actuar, logo poderosamente, em todas as circunstâncias da vida; e, quando a natureza marca e inicia o declínio das funções genéticas, do mesmo modo surge imediatamente a decrepitude física e a diminuição da pujança intelectual é quasi sempre manifesta, recordando tristemente ao homem que a sua missão sobre a terra está prestes a findar.

Na maioria das obras de génio, nas manifestações artísticas e intellectuais dos mais poderosos cérebros que teem honrado a história da humanidade, encontram-se sempre vestígios indeléveis da influencia sexual. Assim, por exemplo, na evolução artistica do grande músico Wagner, o eterno feminino desempenhou um papel importantíssimo. Como diz Goëthe na última estrofe do Fausto: «Das Ewige-Weibliche Zieht uns hinan». O eterno feminino empolga continuamente o homem.

Pode dizer-se que cada uma das suas óperas geniais foi delineada sob o influxo de uma grande paixão amorosa: cada uma dessas obras-primas conta a história das várias heroínas que passaram na vida acidentada do grande músico.

Na Biblioteca Nacional de Paris milhares de cartas escritas par Víctor Hugo à sua confidente, a actriz Julieta Drouet, esperam ainda o momento propício de serem entregues à publicidade. E o poeta de génio, o verbalista imenso que com o ritmo sonoro da sua palavra ardente embalou duas ou três gerações de homens, vibrando na mesma mística intellectual e sentimental, decerto que terá encontrado novos acordes para descrever e pintar a sua inextinguivel paixão amorosa. Longevo famoso que ao 78 anos (a dar crédito aos seus biógrafos) ainda perseguia com ousados madrigais as criadas da neta!

O nosso Camilo Castelo Branco, prêso na Relação do Pôrto, sob o domínio tumultuoso da paixão por Ana Plácido, escrevia em poucas semanas essa obra prima do romantismo português que se chama — O Amor de Perdição.

É inútil, portanto, continuar a expor exemplos para demonstrar a preponderância que tem na vida do homem o instinto sexual. É por isso que todos os múltiplos aspectos de existência individual da familia ou da vida colectiva podem ser profundamente alterados pelas vicissitudes, pelos dramas que a presença da sífilis e do seu contágio são capazes de provocar.

É evidente que, para combater eficazmente a disseminação das doenças intersexuais, o problema tem que ser deslocado do campo exclusivamente médico.

As condições, que presidem ao contágio, impõem a necessidade de considerar esta questão sob o ponto de visca ético, social e médico.

Deve-se principalmente ensinar a juventude a defender-se contra os perigos do mal venéreo, inculcando-lhe as regras elementares e indispensáveis da hygiene individual e, sobretudo, desenvolver, entre as várias classes sociais, a difusão do seguinte conhecimento elementar de venereologia: a sífilis, — a mais grave de todas as afecções venéreas, — quando é tratada desde o início, desde o aparecimento de qualquer erosão ou ferida suspeita, pode ser facilmente neutralizada.

O perigo de contágio dos individuos tratados nessas condições diminui por uma forma considerável — o que já constitui uma vantagem de grande alcance social. Do mesmo modo deve garantir-se — ainda que haja excepções à regra — que os doentes medicados com cuidado no momento propicio da evolução da sua doença podem considerar-se quasi como curados e não necessitam de fazer tratamentos fastidiosos, prolongados, como era regra habitual há alguns anos.

Esta velha epidemia, que adquiriu foros de pestilência grave no final do século XV, em pleno periodo do Renascimento, começou por iniciar a sua triste carreira, semeando o terror entre as populações da Europa dizimadas e enfraquecidas pelas guerras que nessa época avassalavam por completo o continente Europeu. A doença nos primeiros tempos assinalava-se pelo aspecto grave das manifestações: úlceras enormes, chagas nauseabundas e mutilações dos membros, dos ossos da face, eram, em geral, o tributo que a moléstia fazia pagar àquêles a quem a sorte não corria propicia.

Quatrocentos anos depois, a sífilis, na Europa, mudou de fisionomia: as lesões graves da pele e dos tecidos e as manifestações mutilantes quasi que desapareceram; os elementos eruptivos característicos da doença tornaram-se mais discretos e a essa nova mutação da moléstia corresponde uma preferência acentuada do mesmo germen por órgãos colocados mais profundamente, — grandes vasos do aparelho circulatório, sistema nervoso, etc.

Os médicos que exercem clinica em África, ou em regiões habitadas por povos mais atrasados, onde há alguns anos era frequente observarem-se lesões ulcerativas caracteristicas, notam a diminuição destas à maneira que se desenvolvem os cuidados de assistência, e a população compreende as vantagens dos tratamentos metódicos e sistematicamente bem conduzidos.

A evolução actual da sífilis, comprehensível no quadro da biologia geral, — evolução cujo ritmo se tem acelerado nos últimos anos em virtude do emprêgo de substâncias de alto poder curativo, com os sais arsenicais ou o bismuto, — não depõe contra o emprêgo regular e metódico desses tratamentos; só as referidas drogas são capazes de obstar o aparecimento de certas doenças graves do

sistema nervoso, — tais como a tabes, a paralisia geral, — forma especial de loucura que aparece em alguns daquêles indivíduos que foram contagiados pela sífilis.

A medicação específica da doença, — o bismuto, os sais do arsénio, (o mercúrio não é utilizado senão em casos muito especiais) — quando bem ministrada em doses convenientes, liberta o doente do perigo e dos prejuízos inerentes à marcha da doença. Mas a tarefa do médico tornar-se-á absolutamente estéril, improduttiva, como o trabalho clássico das Danaïdes condenadas a encher um tonel sem fundo, se o problema moral, com todas as suas sanções, não estiver sempre presente no espirito da mocidade: se a luta contra a prostituição, — símbolo da máxima decadência moral — não continuar a exercer o seu apostolado moralizador, lutando contra o preconceito, estabelecido de há muito, de considerar a prostituição (recrutada quasi sempre entre os elementos sociais mais atrasados, menos cultos), como um escudo protector da família contra os desregramentos e corrupção dos homens.

O problema da industrialização, do urbanismo, excessivos igualmente suscitam o estudo de muitas causas que concorrem para o aumento da prostituição e, portanto, para o acréscimo das doenças venéreas.

A protecção das menores, das mulheres grávidas, de toda a juventude deliquente merece que os médicos e os filantropos se detenham e debrucem com carinho sôbre o estudo das causas que influem na profilaxia do crime, amontoado de complexos problemas sociais, cuja actualidade é flagrante. Em nenhum dêles deveremos esquecer-nos da imensa influência da questão do contágio das doenças intersexuais quando integrados no vasto quadro das enfermidades de carácter social.

Cinco anos antes da guerra mundial o tratamento da sífilis foi modificado pela aparição terapêutica de um poderoso agente curativo, o salvarsan, que tinha, e tem, o poder de cicatrizar rapidamente as lesões superficiais que são, por via de regra, as mais contagiosas.

Durante a guerra, a necessidade iniludível de manter os efectivos militares fez adoptar e desenvolver o uso de um certo número de regras e prescrições que mais tarde, após o armistício, se foram a pouco e pouco difundindo entre a população civil.

O sentimento público de uma consciênciã colectiva higiênica desenvolveu-se e criou, nos últimos anos, raizes profundas na alma de cada povo. A Sociedade das Nações lançou as bases de um organismo de hygiene internacional que tem por objectivo principal coordenar, sistematizar, em matéria sanitária, os esforços múltiplos de cada país e bem assim os resultados da experimentação dos homens de ciência que por uma forma altruista e espontânea põem

o seu saber ao serviço da humanidade. É preciso não esquecer também, nem ter receio de afirmar bem alto as vantagens que a colectividade pode auferir contribuindo largamente, com vastas somas, para a luta contra a doença — o maior inimigo conhecido da espécie humana.

Em Portugal — onde a hygiene, a medicina preventiva, começam a traçar, com passo hesitante, as primeiras directrizes — os capitais investidos na defeza da saúde pública, dada a exiguidade económica dos nossos recursos, não poderiam encontrar applicação mais criteriosa nem mais justa do que esta. Adoptando escrupulosamente a orientação politico-social referida, nós seguiríamos também um exemplo salutar que nos é dado pelas élites de outros povos mais cultos mas de valor demográfico idêntico ao nosso — Holanda, Suécia, Bélgica, Grécia, etc.

Nos citados países, os problemas respeitantes à instrução e à hygiene teem portanto um lugar de primacial importância e de inconfundível relêvo.

Pode igualmente afirmar-se que ao Estado deve pertencer o elevado encargo de facilitar a resolução das questões que interessam à hygiene pública e ao bem estar portanto da colectividade.

Na vida moderna desenha-se cada vez mais a tendência para o estado intervir como árbitro, regulador, imparcial dos dissídios e dos conflitos inevitáveis entre os indivíduos e as classes. A luta entre os elementos componentes das classes, ou das nações são o espelho onde se reflecte inexoravelmente a imagem das condições fatais da existência das sociedades humanas. As ciências biológicas ensinam-nos que tudo que nasce, todo o ser vivo luta continuamente contra todas as causas destrutivas do meio ambiente.

Mas também por outro lado nunca, como hoje, foi tam vivo no coração do homem o desejo de diminuir os atritos, os choques inevitáveis inerentes a essa fatalidade da existência. A contradição é flagrante mas, todavia, não impede que pela arbitragem, pelo acôrdo mútuo, se vão tentando reduzir os conflitos das aspirações económicas dos indivíduos, das colectividades, dos antagonismos latentes das nações e das raças.

Não obstante a divergência profunda existente entre os povos que seguem a sua evolução própria em estadios diferentes de instrução e de progresso, o que mais dificulta ainda a compreensão de certos problemas de ordem geral, há no entanto por toda a parte um aneio profundo, uma aspiração nobilíssima de imprimir aos valores humanos, ao ritmo da vida, um sentido cada vez mais alto e mais espiritual.

Se a colectividade pretende ser um bloco eficiente, precisa de garantir o bem-estar dos indivíduos de modo que estes não sejam amargurados continuamente pelas dores físicas e morais. Mas para

se conseguir tal *desideratum* é forçoso que a doença seja combatida implacavelmente e que as moléstias sociais — sobretudo a sífilis que tanto concorre para o aumento da morbidade e da degenerescência da raça, — possam ser dominadas.

Só assim se poderá guardar intacta a capacidade produtiva do individuo, do trabalhador, assegurar a protecção da família, manter íntegro o património da energia vital da nação.

A concepção cada vez mais objectiva dos deveres de solidariedade social, concepção que nos impõe a adopção de um determinado número de regras, vai eliminando gradualmente da vida moderna a fórmula arcaica e desusada da esmola, do auxilio que os ricos podem dispensar com caracter facultativo aos pobres, aos menos afortunados.

A aplicação dos referidos princípios sociais, cuja evolução se vem desenvolvendo gradualmente há mais de quarenta anos, implica do mesmo modo para os individuos a subordinação completa a um novo código de deveres, de obrigações para com a colectividade que o ampara e protege durante os períodos de inabilidade provocados pela moléstia.

O problema da doença encarado sob o ponto de vista social e as soluções que elle comporta para assegurar aos individuos o máximo de eficiência dependem do grau do progresso e do adeantamento intelectual dos povos e do aspecto das organizações politico-sociais existentes. É evidente que, fiel ao princípio de que os instrumentos de trabalho apenas valem pela destreza de quem os maneja, compreende-se bem que a variabilidade do rendimento de tais instituições é função do valor dos individuos e do meio politico-social onde actuam.

O combate contra as doenças intersexuais e a sua efficácia dependem, portanto, da propaganda a realizar, não só para convencer os individuos das vantagens que pessoalmente se podem obter, evitando tanto quanto possível o aparecimento de determinadas afecções, como também para lhe demonstrar o risco, os inconvenientes de ordem material que, sob o ponto de vista familiar e colectivo, derivam da sua doença e respectiva incapacidade profissional.

Em virtude de certos conceitos de ordem educativa e religiosa, a sífilis, ao contrário do que succede com outras doenças infectiosas, é considerada não como uma fatalidade que atinge um individuo ou uma família, mas como uma falta, um pecado que se deve ocultar intransigentemente.

A delicadeza do pudor dos individuos, o mecanismo de contágio que por vezes toca de perto em certos pontos extremamente sensíveis e reservados da psicologia humana, não permitem que se fale de determinados assuntos sem uma certa reserva, mas esse facto não nos deve inibir de pretender modificar o conceito vergonhoso e quasi infamante attribuído ainda presentemente a uma doença evitável

e que tanto concorre para a diminuição do valor físico dos indivíduos e da estirpe.

O combate contra as doenças venéreas reivindica as mesmas fórmulas e regras gerais adoptadas na luta contra todas as moléstias infecciosas: isolar os focos da endemia, dificultar as causas do desenvolvimento da doença e tratar todos os indivíduos atacados, de modo que estes não possam ser veículos de novas infecções, evitando por consequência a expansão do flagelo.

A Dinamarca, país pequeno, de escassa população, com três milhões de habitantes, dos quais mais de um milhão habita nas cidades, está em via de resolver definitivamente o problema da luta contra a sífilis. A doença pode considerar-se quasi extinta nesse país em virtude da adopção rigorosa e sistemática de certos princípios de ordem técnica e social.

O elevado grau de instrução e de cultura político-social dos habitantes desse notabilíssimo país permitem a execução fácil de uma tarefa que, em outras nações, não se vislumbra ainda o momento de estabelecer sequer nos seus fundamentos.

No quadro da vida social e económica existente na maioria dos povos da Europa, a melhor solução técnica do problema contra a disseminação das doenças venéreas seria aquele que, respeitando certos interesses profissionais da classe médica, permitisse, no entanto, o agrupamento dos indivíduos em associações mutualistas de seguro obrigatório contra a enfermidade, associações colocadas sob o égide do estado, mas de exclusiva direcção técnica dos médicos venereologistas especializados no tratamento das referidas doenças.

Nessas circunstâncias a intervenção do estado resumir-se-ia à de uma simples força reguladora, não restringindo a liberdade da acção de tais serviços, não excedendo portanto os limites definidos da simples função orientadora.

Há países, como a Alemanha, em que o seguro social obrigatório contra as doenças venéreas já foi decretado; nos países latinos e especialmente na Itália (que segue de perto o movimento associativo e mutualista da Alemanha) ainda não se conseguiu obter a realização de um objectivo defendido e preconizado pelos mais eminentes venereologistas.

A confusão existente no mundo actual entre os vários conceitos político-sociais que nos foram legados em gérmen pelo século XIX, o receio de prejudicar determinados interesses económicos, todos esses factores obstam a que a luta contra a sífilis adquira um grau de eficiência semelhante ao da Dinamarca; e todavia o desaparecimento gradual da classe média, absorvida pela rápida ascensão do proletariado, torna cada vez mais angustiosa a situação da gente da classe média quando a doença lhe bate à porta.

A assistência hospitalar não evoluciona rapidamente de modo

a assegurar ao tipo médio do cidadão os benefícios incontestáveis do progresso da medicina. O preço elevado dos medicamentos, a necessidade cada vez mais instante de múltiplas análises caras e dispendiosas, tudo isso contribui para que o fardo da doença seja o pesado constante de todos os bons chefes de família. Tal situação apresenta tendência para se agravar visto que de um modo geral o homem médio paga para a assistência contribuições de que não beneficia senão com parcimónia concorrendo por seu turno — o que não é justo — para o alívio de outras classes que poderiam contribuir para o bem comum com uma parcela, ainda que mínima, dos seus salários.

Na questão das doenças intersexuais, mais do que em qualquer outro ramo de assistência, os indivíduos infestados teem — por causa dos inconvenientes resultantes do contágio — que ser ajudados com generosidade, fornecendo-se-lhes medicamentos; do mesmo modo deve conceder-se o máximo de autonomia e de liberdade de acção às instituições técnicamente especializadas no combate contra as doenças venéreas.

Conforme as doutrinas politico-sociais reinantes nos vários povos, assim a luta anti-venérea se orienta de modo diverso.

O prof. Mariani deu-nos recentemente um resumo dos tipos diversos de organização sanitária existentes nos vários países da Europa.

«O primeiro caracteriza-se pelo predomínio da iniciativa particular; no segundo, vivem e coexistem no mesmo estado as organizações sanitárias públicas e particulares; finalmente, no terceiro, só subsistem as organizações sanitárias fundadas e dirigidas pelo estado.

O exemplo característico do primeiro tipo de organização sanitária é-nos dado pela Inglaterra. Fiel à tradição da sua raça de estrutura eminentemente conservadora, mas aberta a todas as conquistas e progressos da inteligência humana, os ingleses, os povos anglo-saxões, impregnados de um profundo sentimento religioso, mantem e defendem, através de todas as vicissitudes, com todo o vigor e energia, as prerrogativas da iniciativa individual. São as várias agremiações, as várias colectividades, os grandes filantropos que mantem, em todo o Reino-Unido, a assistência dos enfermos, dos hospitais, das casas de convalescença, etc.

É curioso verificar que, na Inglaterra, o povo mais civilizado do mundo, a lei de seguros sociais obrigatórios teve como consequência imediata, não só o aumento do número de associações de socorros mútuos, mas também contribuiu de um modo intenso para o melhor apetrechamento das respectivas organizações técnicas mutualistas.

O estado só intervem — e dentro de limites muito largos — para obstar à formação de lucros comerciais obtidos pelo funciona-

mento dèsses organismos e para manter aos associados o máximo das vantagens.

O acesso nas referidas associações está aberto a todas as classes e os individuos não se agremiam geralmente segundo o caracter particular das profissões.

As «affiliated Orders», quer se trate de uma organização simples ou de sociedades com várias secções, concedem, por motivo de doença, subsídios, assistência clínica e terapêutica, curas de repouso em casas de convalescença, etc. Depois de ter sido decretada a lei de seguros sociais obrigatórios, tem-se verificado um aumento gradual dos subsídios em dinheiro em vez do auxilio clínico e de prestações pagas em medicamentos.

Na Suíça existe o Conselho Federal dos Seguros Sociais; mas nêsse país há, ao lado de associações verdadeiramente livres, outras com estatutos reconhecidos juridicamente pelo estado e qu usufruem por tal facto certos privilégios particulares.

As mencionadas associações estão agrupadas, constituindo três grandes federações que lutam contra as doenças sociais por meio de propaganda e prestam assistência sob a forma de subsídios (durante a doença, invalidez, hospitalização). Como acontece na Inglaterra, nota-se na Suíça tendência acentuada para a diminuição do auxilio em medicamentos e em assistência médica directa.

Na maioria das nações da Europa, porém, predomina o tipo mixto, caracterizado pela coexistência de organizações do estado e de associações sanitárias de caracter particular.

Em França, a questão dos seguros sociais é ainda objecto de discussões acaloradas e as duas tendências opostas degladiam-se, sem ter alcançado qualquer delas vitória definitiva.

O conceito de solidariedade organizada no principio da máxima liberdade tem sido o lèma do estado francês.

No referido país o número de associações livres é muito superior ao das sédes das organizações officiais existentes em todos os distritos territoriais, mas o número de associados parece exceder o das organizações livres.

Os serviços de assistência social, médica, farmacêutica, auxilio às grávidas, protecção às crianças, — e principalmente ainda os da assistência venérea, — teem atingido nos últimos anos um grau elevado de eficiência.

Na Alemanha subsiste pelo contrário o critério de que o estado é o árbitro supremo das necessidades da defeza da saúde do povo e, seguindo essa concepção, que assenta sôbre um instinto associativo admirável, o estado germânico consegue obter um rendimento perfeito e completo das suas múltiplas engrenagens associativas médico-sociais.

A elevada cultura da raça germânica, o desenvolvimento ine-

gualável dos estudos médicos professados nas suas universidades permitem uma distribuição exacta do trabalho profissional da assistência, sem perda de tempo, sem duplicação de despesas e sem incómodos para os doentes.

No país referido, onde existe já seguro-social obrigatório contra as doenças venéreas, há a certeza de que os doentes contagiados por tais enfermidades são enviados logo directamente às organizações especiais que tem por objectivo lutar contra a disseminação das doenças inter-sexuais. O mesmo sucede com respeito à tuberculose, ao cancro, etc.

A Rússia constitui o exemplo característico da última modalidade de tipo de organização sanitária conhecida. Nesse país o estado reúne nas suas mãos todos os elementos constitutivos da organização da sanidade pública.

Na União das Repúblicas socialistas dos Sovietes a direcção dos serviços sanitários é exercida por um organismo dependente do conselho central dos sindicatos. A organização de seguros tem uma base administrativa territorial e é de carácter exclusivamente profissional.

Há na União 45 «Caixas nacionais», as quais agrupam, em 45 categorias de misteres, o núcleo profissional dos trabalhadores da citada nação.

A comissão da sanidade pública, num país em que o estado é o deus ex-máquina que tudo impulsiona, regula as bases da assistência médica e médico-social e rege também as modalidades diversas das relações entre os doentes e os clínicos, que são apenas meros funcionários-públicos das múltiplas e diversas organizações hospitalares e médico-sociais existentes.

No que diz respeito ao problema especial da luta anti-venérea, dadas as condições especiais da educação cívica do povo russo, é possível que tal sistema de centralização à «outrance» tenha dado resultados. Pelo menos assim deve suceder no que se refere ao estudo, dos problemas estatísticos, ao da possibilidade de uma propaganda profilática intensa e à severa fiscalização terapêutica dos doentes. Nas grandes aglomerações urbanas e nas cidades de carácter industrial, as estatísticas fornecidas pelos serviços sanitários indicam-nos um sensível progresso comprovado pela diminuição do número de casos de contágio intersexual.»

Mas, como muito bem afirmou o mesmo ilustre venereologista da Universidade italiana de Bari, o prof. Mariani, o sistema de centralização excessiva das organizações sanitárias, a mecanização de serviços tam delicados, como os de providência social, talvez se compreendam mais facilmente na Rússia do que em outras nações, visto que nêsse país, como na maioria dos povos de raça eslava, o sentimento de personalidade moral dos indivíduos e o da

família se encontram ainda em via de formação ou existem, quando muito, em estado rudimentar.

Na Itália, no quadro geral da concepção do regimen fascista, o movimento corporativista marcou à assistência sanitária um lugar proeminente e basilar na vida nacional. Com excepção de algumas associações livres que subsistem na Itália setentrional, as organizações sanitárias de socorros mútuos fascistas asseguram à população assistência médica, cirúrgica, obstétrica, de natureza ambulatoria ou hospitalar e de um modo geral são solidárias com a organização conhecida sob o nome de — «Ente Nazionale Cooperazine». Estreitamente associado ao organismo a que nos acabamos de referir, existe a «Casse Mutue Professionale», assente sôbre bases de caracter nitidamente corporativista, com contratos colectivos de trabalho, segundo a declaração do XXVIII artigo do código de trabalho. Consoante essas normas, formam-se grupos colectivos de trabalhadores, abrangendo de um modo totalitário as várias categorias profissionais, — trabalhadores rurais, operários de várias classes (de transporte terrestre, marítimo, aéreo, etc.).

A base do contrato de trabalho colectivo abrange a cláusula da obrigatoriedade de inscrição na caixa de previdência de seguros contra a doença, e o organismo da «Ente» assegura todo o trabalho técnico da assistência social obrigatória em todo o país.

O Instituto Nacional Fascista de Previdéncia Social tem por missão o elevado objectivo de defender os individuos contra as doenças; de os tratar o melhor possível e de reduzir ao mínimo, no campo da patologia humana, todas as possibilidades de enfraquecimento da vida colectiva.

O seguro social obrigatório contra a tuberculose constitui, na opinião dos médicos e sociólogos italianos, o primeiro passo dado no sentido de se conseguir o seguro-obrigatório para todas as doenças, conforme a aspiração da declaração XVII da carta do trabalho.

Ainda que, em relação às doenças intersexuais, não exista em Itália, como sucede na Alemanha, seguro social, no entanto o governo italiano não tem descurado o problema da sífilis e ainda há poucos meses foi determinado, por circular enviada a todos os centros universitários e centros hospitalares de assistência venérea da Itália, que se adoptassem medidas rigorosas no tratamento da sífilis das grávidas, estimulando a terapêutica rigorosa das doentes, quer nas maternidades, quer nos ambulatorios destinados a combater as moléstias venéreas. Do mesmo modo foi autorizada a formação especial de postos sanitários destinados a combater a sífilis infantil: asilos para crianças heredô-sifilíticas, obedecendo a um critério de filantropia e de carinhoso disvelo por todos os que sofrem, digno de aplauso.

Na Suécia, em Estocolmo, observei há anos, funcionando de um modo admirável, um asilo (Instituto Werlander) para heredô-si-

filíticos, de género idêntico àquele que as autoridades sanitárias italianas pretendem estabelecer no seu país. Ainda que pareçam exagerados tais cuidados, é preciso recordar que a recuperação de todos os valores humanos existentes é um dever sagrado do estado, tanto mais que por este modo elle concorre indirectamente para a diminuição do crime, para a profilaxia de todos os actos atentatórios contra a tranqüillidade e bem estar colectivos.

A eficiência dos métodos preconizados pelos vários sistemas de organização sanitária na luta contra as doenças venéreas depende, portanto, como já foi dito, do grau de instrução dos habitantes de cada agrupamento humano, da sua concepção da vida, da sua moral e, especialmente ainda, do idealismo e da cultura técnica dos médicos que orientam e dirigem essa tarefa médico-social.

Em todas as cousas humanas há um espirito de relatividade que é bom nunca perder de vista. Assim, o exagêro das formalidades burocráticas, a complicação inevitável inerente ao funcionamento de múltiplas engrenagens administrativas constituem um óbice na luta contra a disseminação das doenças sociais, e no capítulo especial das moléstias intersexuais, há a acrescentar o perigo grave dos tratamentos insuficientes quando ministrados em série, sob uma forma quasi mecânica e por médicos insufficientemente especializados. Tudo isso são factores de perturbação que merecem ser estudados minuciosamente para poderem ser corrigidos com rigor e método.

A especialização contínua da ciência médica, a necessidade da investigação científica para subtrair a vida humana aos perigos mortais que por todos os lados a espreitam não são também compatíveis com a função mesquinha de simples clínico-funcionário a que a tendência burocrática de sistemas excessivamente rígidos e centralizados pretende circunscrever a acção do médico.

O perigo grave da burocratização excessiva nos diversos ramos de actividade pública foi denunciado pelo próprio Mussolini num discurso recente proferido por esse homem de estado, em Milão, em 6 de outubro do corrente ano. Mussolini profetizando para breve a ruína do sistema capitalista — conclusão lógica (segundo elle) de um periodo de história contemporânea — afirma que a manutenção de toda a economia nacional nas mãos do Estado traria como consequência a multiplicação por dez do numero dos empregados públicos.

Mussolini repele «a solução do estado totalitário, «estatismo integral». substituindo-a pela concepção do corporativismo, o qual engloba nos mesmos agrupamentos humanos a série de todos os produtores (operários e patrões) existentes na Itália, reunidos sob a égide da igualdade perante o trabalho».

O dinamismo do povo italiano, pleno de seiva e de exuberância, consubstanciado no momento actual em Mussolini, é, sob certos aspectos uma consequência do trabalho vigoroso do «homo técnico»

italiano e representa a assimilação vitoriosa, efectuada nos últimos cinquenta anos pela universidade italiana, daqueles métodos de organização e de trabalho a que a Alemanha deve o prestígio e a glória da sua formidável intervenção na história do progresso humano.

A exuberância do crescimento fisiológico e da vitalidade da raça italiana encontraram uma expressão original, rica de simbolismo agressivo, num livro recente de F. Napoli, intitulado «Da Malthus a Mussolini».

T. Malthus, economista inglês do século XVIII, enunciou, em 1748, a doutrina célebre — origem de numerosas controvérsias — de que a população cresce em proporção geométrica ao passo que os produtos alimentares, isto é, os alimentos produzidos pela terra, só aumentam lentamente, e segundo uma progressão aritmética.

Benito Mussolini opõe a sua doutrina dinâmica à concepção estatística de Malthus. O referido homem de estado considera «Falsa ed imbecile è la tesi che la minore popolazione significhi maggiore benessere: il livello di vita degli odierni 42:000.000 di italiani è di lunga superiore al livello di vita dei 27:000.000 del 1871 e dei 18:000.000 del 1816».

Esta teoria dinâmica, discutível sob o ponto de vista de filosofia histórica, possui talvez o mérito de colocar rudemente o homem em face do seu destino, dessa conclusão inflexível da biologia — a luta pela existência, pela vida.

Na competência entre as nações da Europa, na manutenção da influência da raça branca, o factor demográfico tem e terá ainda no futuro uma importância considerável e decisiva; por isso mesmo deve desenvolver-se e estimular em cada país o sentimento consciente do valor da higiene colectiva e dos seus benefícios. Só dos fortes reza a história!

A saúde é o maior bem do homem e o ideal inatingível da perfeição humana consistiria em obter para todos os individuos a harmonia, o equilibrio entre a robustez física, o vigor da saúde e o máximo da plenitude intelectual e da integridade moral.

Tais conceitos de elevada transcendência tem sofrido várias alterações através das idades. A história ensina-nos que é na opposição constante entre o conservantismo, verdadeiro estado de inércia da intelligência humana e a aspiração do homem pretendendo construir novos sistemas ideológicos mais em harmonia com os progressos realizados pela humanidade que reside o segredo da sua perpetua inquietação, do seu constante *devenir*.

«Alles Vergängliche ist nur ein Gleichnis» disse Goethe «tudo o que passa tem apenas o valor de um símbolo».

Através portanto do tumultuar das paixões, transitórias como a própria vida humana, o interesse do problema da higiene preventiva não decresce, não diminui e a manutenção da saúde tem para

os indivíduos, para as nações, um valor cada vez mais considerável.

Rodolfo Laun, num livro recente, «A Democracia», afirma que a humanidade tende a substituir o espírito da violência e dos dogmas pela livre concorrência das almas, das forças morais e da confiança».

E, se na realidade é esse o sentido profundo da evolução humana, o sentimento da consciência da higiene colectiva pode concorrer também para desenvolver e estimular cada vez mais a formação desse supremo ideal.



CENTRO DE ESTUDOS
ROMULO DE CARVALHO

... e a sua importância para a vida social e económica do país. A sua actividade é essencial para a formação do carácter e da consciência dos cidadãos, e para a promoção do bem-estar e da justiça social. A educação deve ser encarada como um processo contínuo e abrangente, que envolve todos os sectores da sociedade e que visa a formação de indivíduos capazes de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.



Composto e impresso na
IMPRENSA MÉDICA
Calçada do Moinho de
Vento, 10-A — Lisboa



RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329665773

Composto e impresso na
IMPRESA MÉDICA
Calçada do Moinho de
Vento, 10-A — Lisboa